

JORNADA of Dom Alexis de Menezes: a portuguese account of the sixteenth century Malabar (Jornada do Arcebispo originally written in Portuguese in 1603 by António de Gouvea). Editor Pius Malekandathil. Cochim: LRC Publications, 2003. 83 + 603 p.

Pode à primeira vista parecer desprovida de interesse para o leitor português a versão inglesa de um nosso texto seiscentista, como é o caso da presente obra; mas, como em breve veremos, não é assim.

A *Jornada do Arcebispo*... (dispensamo-nos de dar o título completo que na edição original, de Coimbra 1606, ocupa 19 linhas!) foi um livro que, no ambiente da Contra-Reforma em que foi produzido, alcançou pronta celebridade: a demonstrá-lo está o facto de logo três anos após ter vindo a lume em português ter sido traduzido e editado em francês, em duas edições simultâneas uma em Antuérpia, outra em Bruxelas. Ao triunfalismo eclesiástico da época quadrava bem a proeza de D. Aleixo que, conforme consta do quilométrico título da obra, “foy as Serras do Malauar, & lugares em que morão os antigos Christãos de S. Thome, & os tirou de muytos erros & heregias em que estauão, & reduzio à nossa Sancta Fè Catholica, & obediencia da Santa Igreja Romana, da qual passaua de mil annos que estauão apartados”.

Foi já num ambiente mental algo diferente que em 1745 foi vertido (ou antes, resumido, parafraseado e comentado) em latim por João Fagundo Raulín, e editado em Roma com o título de *Historia Ecclesiae Malabarica cum Diamperitana Synodo*; o próprio título evidencia que o centro do interesse se deslocara da exemplaridade dogmática e moral do arcebispo para a erudição histórica – o que é *a fortiori* o caso da versão inglesa publicada por James Hough (*The History of Christianity in India*, Londres, 1839). O que parece ter sobretudo despertado a curiosidade dos eruditos é a primeira parte da obra, em que o autor recopila as tradições sobre as origens e história antiga da cristandade malabar que os portugueses haviam recolhido desde o seu primeiro contacto com a comunidade, aquando da viagem de Pedro Álvares Cabral em 1501-1502; tivemos já ocasião de os estudar de outra feita nas páginas desta mesma revista (2ª série, vol. III, Lisboa, 1991, pp. 349 a 418, artigo “A lenda de S. Tomé Apóstolo e a expansão portuguesa”). A esses capítulos iniciais sobre as origens da comunidade segue-se no livro de Frei António de Gouveia a narração das andanças de D. Aleixo pelo Malabar em 1599, preparando a celebração do famigerado Sínodo de Diamper, para cuja história continua ainda hoje a constituir a fonte principal. Ao interesse factual acresce actualmente, da nossa perspectiva já longínqua, o valor da obra como fonte para a história das mentalidades, pois não deixa de ser sumamente interessante observar com que pretextos, a que títulos e de que modo se aplicaram a uma igreja oriental, de tradição muito diferente, as normas e doutrinas do Concílio de Trento, convocado para tentar dar uma solução aos problemas em que se debatia a cristandade latina, dilacerada pelo cisma protestante. Quem quiser saber o que pessoalmente pensamos a tal respeito encontrá-lo-á em letra de forma no artigo “Were Saint Thomas Christians looked upon as heretics?” [in K. S. Mattew, Teotónio R. de Sousa & Pius Malekandathil *The Portuguese and the Socio-Cultural Changes in India, 1500-1800*, Fundação Oriente, Panjim (Goa), / MESHAR, Tellicherry, (Kerala), 2001, pp. 27-91], que contamos poder um dia verter em português, mas em que ficámos assaz longe de ter esgotado o assunto. De qualquer modo a *Jornada do Arcebispo* é uma fonte essencial para o estudo da mentalidade missiológica dos Agostinhos, muito diferente da dos Jesuítas, mas muito menos estudada.

Na segunda parte da obra Gouveia narra em pormenor a peregrinação de Dom Frei Aleixo pelos principais núcleos cristãos do Malabar, num esforço para implementar na prática o que, a instigação sua, o sínodo decretara no papel. Pelas detalhadas informações que fornece, é essa parte da obra a mais interessante para a história local, e foi provavelmente isso o que decidiu o P^o Pius Malekandathil, sacerdote da igreja malabar, a empreender a sua tradução anotada em inglês, que, editada em Cochim, se torna assim acessível aos eruditos e curiosos locais. Já a terceira parte se lhes deve afigurar de menor interesse, uma vez que se ocupa do que fez o arcebispo no regresso do Malabar, na costa da Índia, em Socotorá e na Pérsia.

Em português a obra de Frei António de Gouveia tornara-se uma raridade, pois não havia dela nenhuma edição moderna acessível, quando em 1988 o Doutor Joaquim Bragança, ao tempo director da *Didaskalia*, decidiu empreender nas edições da revista a reimpressão anastática da edição *princeps*, de 1606, acompanhada de um estudo biográfico sobre o arcebispo pelo P^o Avelino de Jesus Costa. Por um dever de gratidão deixaremos aqui registado que nessa ocasião nos honrou com um convite para prefaciarmos a edição, que, assoberbados de trabalhos e responsabilidades e em precária saúde, não pudemos empreender em tempo útil; houve assim que prescindir do projectado prefácio sob pena de se perder o subsídio que o Programa Nacional de Edições Comemorativas dos Descobrimientos Portugueses concedera à edição. O que então teríamos escrito veio a tomar corpo mais tarde no artigo que acima citamos.

Ao contrário da edição da *Didaskalia*, que é uma mera reimpressão, a presente versão é profusamente anotada, e é isso que – à semelhança por exemplo das fontes portuguesas editadas em inglês nas séries da Hakluyt Society – a torna valiosa para o leitor português, tanto mais que, ao que sabemos, ninguém em Portugal tem conhecimentos de corografia, etnografia e mesmo história do Malabar comparáveis aos de Pius Malekandathil para poder empreender trabalho semelhante. Sobremaneira útil é para o leitor português o mapa do Quêrala que ilustra a edição, permitindo localizar facilmente os lugarejos por onde peregrinou D. Aleixo, que Gouveia cita mas pouca gente conhece. Por tudo isto se justificaria que, um dia que se esgote a edição da *Jornada* feita pelas publicações da *Didaskalia*, alguém lançasse mãos à preparação de uma nova edição, mas desta vez anotada, traduzindo para português ou adaptando as notas desta edição inglesa.

As observações que cabe fazer a esta são meras questões de pormenor, de que enumeraremos apenas duas ou três. Embora o autor se tenha servido da edição de 1778 das *Décadas da Ásia* de João de Barros, parece-nos que seria conveniente senão citar pelo menos mencionar a existência da edição *princeps* de 1552, não vá o leitor indiano menos familiarizado com as fontes portuguesas pensar que se trata de uma obra do 3^o quartel do século XVIII quando é de meados do XVI. Tampouco nos parece correcto traduzir *fidalgo* por *hidalgo*, sem embargo do dicionário de Oxford registar esta forma e não aquela, já que o mesmo léxico lhe dá como significado “Spanish gentleman”, o que não é exactamente equivalente a “Portuguese gentleman”... Quanto a *chamaz*, adaptação portuguesa do siríaco *shamâsh*, *shamâshâ*, cremos que a melhor tradução seria *deacon* (diácono), conquanto possa designar também genericamente os clérigos de ordens menores, que nas igrejas orientais são em regra apenas os leitores e os subdiáconos; a explicação “*Chamazes* or *Semmassans* stand for people of lower clerical order, who are undergoing priestly training” parece-nos além de vaga um tanto anacrónica, pois tradicionalmente, antes de haver seminários (o que só sucede adiantado já o século XVI), havia muitos indivíduos ordenados minoristas ou diáconos, independentemente de se treinarem para o sacerdócio, permanecendo nesses graus a vida inteira.

Luís Filipe F. R. Thomaz